

AGRONEGÓCIOS

agronegocios@grupoatarde.com.br

Agro

A TARDE

JOSÉ LUIZ TEJON



**UMA VISÃO ABRANGENTE
SOBRE O AGRONEGÓCIO**

atarde.com.br/colunista/atardeagro

tejon@grupoatarde.com.br

“Oui évidemment”: deu o óbvio acordo UE Mercosul!

A União Europeia inteira agora quer o acordo com o Mercosul por motivos óbvios (évident, obviamente, évidemment). Há 10 anos coordeno um MBA em agronegócio internacional com aulas em Nantes e Paris, e presença constante no Salon du Agriculture. Quando conversamos com os setores do antes e pós-porteiras das fazendas, ou seja, 90% do PIB do agribusiness da França (cerca de 20% do complexo agroindustrial francês) é a participação no PIB total do país, porém quando isolamos dentro da porteira, a agropecuária francesa não ultrapassa 2% do PIB francês), ouvimos dos dirigentes de supply chain, das agroindústrias que proces-

sam e agregam valor nas matérias primas agropecuárias que, sim, para o crescimento industrial, comercial e de serviços da própria França precisam contar com suprimentos do Mercosul, hoje em qualidade, disponibilidade e custos fundamentais para a competitividade desse complexo do agronegócio francês.

Porém, as facções polarizadas e com fundamentos ideológicos conduzem os agricultores franceses para as avenidas parisienses contra os demais agricultores do mundo, como os próprios brasileiros, e como eu mesmo já vi, contra também agricultores ucranianos, ou de qualquer país da própria UE onde essas “lideranças”

enxerguem a oportunidade de servirem aos seus fins eleitoreiros.

Os governos dos demais países, inclusive agora a própria Itália, está assumindo uma posição positiva para o acordo. Verbas e subsídios robustos e gigantescos que os nossos produtores aqui jamais sonharam de obter já foram prometidos agora como acesso antecipado a fundos agrícolas em montantes do patamar de 45 bilhões de euros mais de US\$ 52 bilhões (só isso equivale a cerca de 30% de todas as exportações do agro brasileiro em 2025) e mais de R\$ 282 bilhões. Assim a presidente da Comissão Europeia, Ursula Von der Leyen, prometeu ao lado de

outros protecionismos como paridade obrigatória de jamais produtos do Mercosul terem preços inferiores aos europeus, além de protecionismos ambientais.

Acima e além dessa questão em si, agora numa análise apenas fria de cadeias de suprimentos e valor com obviamente indústria, comércio e serviços querendo muito, sim, o acordo, a política Monroe de Trump, América para os norte-americanos, estimulando guerras geopolíticas de domínio de territórios, áreas de influência, também para a China e Rússia, um acordo neste momento União Europeia e Mercosul significaria criar um mercado com o 2º maior

PIB do planeta na soma da Europa com Mercosul, atrás apenas dos Estados Unidos, com mais de 700 milhões de consumidores e daria efetivamente condições para o sistema do complexo agroindustrial europeu enfrentar seu maior concorrente, os Estados Unidos, bem como explorar os mercados chineses, indianos, asiáticos, Oriente Médio e a própria América Latina.

A agricultura europeia vive uma grave dificuldade de gerar sucessores, e enfrenta consolidação das propriedades. “Europa vazia” uma expressão que ouvimos lá, bem como impossibilidade de competir em escala. Porém possui oportunidades ex-

traordinárias na gastronomia, turismo agrícola, e nos seus incontáveis e encantados “terroir”. A Itália por exemplo domina as mesas do mundo, a França os “spirits” e bebidas sensacionais, a Holanda um poder logístico único, Espanha, Portugal, etc... e cada país europeu tem oportunidades de vendas de originação de valor agregado, Denominação de Origem Protegida (DOP) de cada microrregião, além de turismo agro exponencial.

E enquanto editávamos esta coluna recebemos a confirmação que o acordo UE Mercosul foi aprovado na Europa e agora segue para referendo do parlamento europeu.

RURAL Últimos dados divulgados pela Embrapa revelam que 17 mi de hectares utilizavam o sistema no Brasil em 2021

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta avança na Bahia como estratégia sustentável no campo

Gabriel Rezende Faria / Embrapa / Divulgação

LAURA PITA*

Nos últimos anos, a integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) vem se consolidando como uma estratégia sustentável e eficiente ao combinar, de forma planejada, técnicas agrícolas, pecuárias e florestais em uma mesma área. Em 2021, ano do último levantamento da Embrapa, cerca de 17 milhões de hectares já utilizavam esse sistema no Brasil. Embora desafios ainda dificultem sua adoção por muitos produtores, na Bahia a ILPF, quando aplicada corretamente, representa uma oportunidade relevante para enfrentar as variações climáticas e as oscilações econômicas, além de responder às crescentes demandas por práticas agrícolas mais sustentáveis e de baixo impacto ambiental.

A implementação bem-sucedida de um sistema ILPF exige planejamento estratégico e alinhamento ao perfil da propriedade rural e ao mercado-alvo dos produtos gerados, afirma o pesquisador da Embrapa Cerrados, Kleberson Worsley de Souza. “Não se trata apenas de combinar atividades, mas de integrar processos produtivos de forma sinérgica e economicamente viável”, destaca.

Segundo Kleberson, a implantação da ILPF começa com um diagnóstico detalhado da propriedade, considerando aspectos como topografia, perfil do produtor, infraestrutura disponível e características físicas e químicas do solo. Esse levantamento permite adequar o sistema às limitações e potencialidades da área. A partir disso, o planejamento define o arranjo espacial, a sequência das culturas, a logística de manejo e o mercado-alvo, orientando as escolhas técnicas, o nível de intensificação e as estratégias de comercialização. A correção e o preparo do solo são fundamentais para garantir a longevidade e a resiliência climática da técnica. A implantação deve ocorrer de forma progressiva e ser acompanhada por monitoramento contínuo.



O sistema ILPF contribui para a sustentabilidade da fazenda, com o sequestro de carbono e a redução dos efeitos das mudanças climáticas

“A ILPF é uma das estratégias mais promissoras para a agropecuária sustentável”

ASSIS PINHEIRO FILHO, da Seagri

sendo retirados antes do começo da estação chuvosa”, explica o proprietário Eduardo Manjabosco.

Na Bahia, o oeste desporta como a região com maior potencial imediato para a ILPF, em função de chuvas bem definidas, topografia predominantemente plana, solos profundos e passíveis de correção, além de uma base produtiva consolidada e boa infraestrutura logística e de assistência técnica, segundo Kleberson. Além do oeste, o sudoeste baiano também apresenta elevado potencial para a adoção do sistema. “Aqui, a ILPF é especialmente estratégica para aumentar a resiliência dos sistemas, melhorar a oferta de forragem e reduzir a degradação de pastagens”, recomenda. Já no extremo sul baiano, o componente florestal surge como diferencial para a integração, enquanto, mesmo no semiárido, a ILPF pode atuar como ferramenta de convivência com o clima, ampliando a estabilidade produtiva e reduzindo riscos.

Quando aplicado de forma

correta, a ILPF pode ser uma ótima estratégia para o produtor baiano, como evidencia Eduardo Manjabosco: “A gente acaba diversificando a receita, porque passa a ter mais de um componente gerando renda. A venda do gado acontece justamente em uma época estratégica, ali perto do plantio da soja, que é um período muito bom para entrar recurso no caixa. Muitas vezes, nessa fase, a gente já não tem mais grão para vender, e a venda do gado ajuda bastante”.

Solo mais resiliente
O sistema ainda contribui para a sustentabilidade ecológica da propriedade, com o sequestro de carbono e a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, tornando o solo mais resiliente, de acordo com William Marchiò, gerente de projetos da Rede ILPF. “Em períodos de veranico, a maior densidade radicular e o aumento da matéria orgânica elevam significativamente a capacidade de retenção de água. Estima-se que, a cada 1% de au-

mento no teor de matéria orgânica do solo, seja possível reter mais de 230 mil litros de água por hectare”, explica.

Em contraponto, a aplicação da ILPF também apresenta desafios para os produtores. Assis Pinheiro Filho, diretor de Desenvolvimento da Agricultura da Seagri, avalia:

“Existe uma complexidade de gestão, e o produtor precisa entender de agricultura, pecuária e silvicultura simultaneamente. O investimento em cercas, sementes, mudas e corretivos é alto, o que eleva o custo inicial. Em algumas regiões, ainda falta um mercado consolidado para o escoamento dos produtos florestais, dificultando a logística. Além disso, por falta de divulgação e treinamento, existe escassez de profissionais que dominem o manejo integrado”.

Entre os obstáculos, William Marchiò também resalta a falta de financiamentos direcionados. “Faltam linhas de crédito de mais longo prazo, com taxas acessíveis, que permitam ao produtor realizar esse tipo de investi-

mento. É um investimento pesado, principalmente para o pecuarista que decide entrar na agricultura, pois ele precisa adquirir trator, plantadeira e outras máquinas, o que exige um volume significativo de recursos. Hoje, os principais fatores limitantes são a falta de conhecimento técnico, a ausência de assistência técnica qualificada e a carência de investimentos e financiamentos direcionados”, afirma.

Apesar dos desafios, a ILPF na Bahia já é uma realidade e se consolidou como uma estratégia efetiva para o futuro do agronegócio baiano, como conclui Assis Pinheiro Filho: “A implementação do sistema de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta é uma das estratégias mais promissoras para a agropecuária sustentável, especialmente considerando a diversidade climática do estado da Bahia. A transição para a ILPF não é apenas uma mudança de cultura, mas uma mudança de gestão”.

*SOB SUPERVISÃO DA EDITORA
CASSANDRA BARTELÓ